

Alerta sobre a dívida externa

FMI cita estudo do Bird e diz que Brasil já responde por 10% do débito mundial

José Meirelles Passos

Correspondente • WASHINGTON

O Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (Bird) fizeram um alerta ao Brasil no último dia da reunião semestral das duas instituições, ontem. O diretor do Departamento do Hemisfério Ocidental do Fundo, Cláudio Loser, afirmou que o excessivo endividamento externo deixa o país em situação vulnerável, apesar dos avanços obtidos com o equilíbrio fiscal. As afirmações de Loser se basearam num informe do Bird, segundo o qual o Brasil é responsável por nada menos do que 10% de toda a dívida mundial. O dado mais recente do banco registra que ela atingiu US\$ 237,9 bilhões em 2000, o que equivaleria a 323% das exportações brasileiras. Segundo o Bird, quando esse índice supera os 220% "a situação é muito grave".

— A vulnerabilidade do Brasil está em sua alta dívida externa denominada em dólares. Seria ideal aumentar as exportações para financiá-la: hoje o índice dessas vendas na composição do Produto Interno Bruto (PIB) ainda é baixo — disse Loser, referindo-se ao fato de que as exportações representaram apenas 9,04% do PIB de 1991 a 2000.

De acordo com o estudo do Bird, apenas o serviço da dívida consome o equivalente a 90,7% do que o país arrecada com as suas vendas externas. No ano passado, o Brasil exportou o equivalente a US\$ 55 bilhões.

País quer ter mais influência no Fundo

• Apesar das críticas, o diretor do Fundo reconheceu que o Brasil tem demonstrado capacidade macroeconômica para reagir às turbulências externas, conta com uma política monetária restritiva "com capacidade de manobra" e possui uma política fiscal suficientemente forte para neutralizar os choques eventuais.

O ministro Pedro Malan, que também participou da reunião FMI-Bird, rebateu as críticas do Fundo. Ele acredita que os investimentos diretos estrangeiros continuarão a entrar no país em volume suficiente para financiar as suas necessidades, inclusive o pagamento da dívida externa. Ele, no entanto, concorda com a necessidade de o país aumentar as suas vendas ao exterior e acredita que o fim da recessão nos Estados Unidos propiciará um avanço nessa área.

— Os americanos importam US\$ 1,3 trilhão por ano. Isso é duas vezes e meia o PIB brasileiro e, portanto, é muito positivo para as nossas exportações. A tendência é que passem a comprar mais do Brasil.

Depois de ter seus esforços fiscais reconhecidos pelo Fundo, o governo brasileiro busca agora ter maior influência na instituição. Para isso, Malan passou a engrossar o coro dos ministros de países emergentes que pressionam por uma revisão das quotas do FMI:

EM FOCO



MANIFESTANTES ENCARAM a polícia próximo ao local do encontro entre FMI e Banco Mundial

GRANDES MULTINACIONAIS americanas foram um dos principais alvos dos protestos contra a globalização



A DESIGUALDADE ENTRE os países também foi tema de faixas que pregavam uma mobilização pela justiça no planeta



— O sistema de votação (dentro do Fundo) dá um controle majoritário aos países credores. Por isso, para legitimar sua agilidade e eficácia operacional, o Fundo precisa mudar sua estrutura de quotas, de forma a refletir melhor as mudanças na economia mundial e posição econômica dos países membros — argumentou Malan. Quando o FMI foi criado, o Brasil tinha 1,7% do seu capital total. Hoje, tem

1,42%: o país cresceu economicamente, mas seu peso dentro do Fundo diminuiu.

Enquanto os países encerravam a reunião, centenas de manifestantes tomaram as ruas de Washington para protestar contra o FMI e o Bird e criticar a globalização. ■

• DUHALDE DIZ QUE ACORDO COM FMI É A ÚNICA SAÍDA, na página 16